

# A posição-sujeito leitor e o mercado de trabalho

p. 7 - 16

Ana Luiza Artiaga R. da Motta <sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo, propomos uma reflexão teórica no que concerne a leitura, no âmbito da formação do sujeito leitor e o mercado de trabalho. A proposição consiste em suscitar uma discussão teórica discursiva sobre a questão da leitura não a vinculando a área apenas da Língua Portuguesa. Ao contrário, este trabalho abre-se para uma discussão porosa elucidando a leitura, as diversas áreas que constituem o processo de formação do sujeito.

**Palavras-chave:** Sujeito; Discurso; Leitura; Escola.

## ABSTRACT

In this paper we propose a theoretical reflection on the process of reading in the scope of the training of reading subjects reader and the labor market. The proposition is to provoke a discursive theoretical discussion on the issue of reading not only referenced to Portuguese Language field. On the contrary, this work presents a broader discussion of reading applied in various disciplines that make up the process of teacher formation in the school.

**Keywords:** Subject; Speech, Reading; School.

## Introdução

O propósito deste texto é o de refletir, a partir do arcabouço teórico da Análise de Discurso, a posição-sujeito leitor, o modo como a inscrição da falha, da falta da leitura inscreve o sujeito no mercado profissional, no mundo capitalista.

A forma incisiva de se pensar sobre a posição-sujeito leitor, deve-se ao modo de dizer da mídia sobre a Língua Portuguesa e o mercado de trabalho. Trata-se de uma questão que impõe questionamentos, considerando que em uma

sociedade letrada pensar o processo de formação do sujeito leitor, tem a ver com as políticas de ensino, as disciplinas, sem distinção de áreas que constitui a historicidade do sujeito. O *corpus* concerne ao discurso midiático que toca sobre as dissimetrias e dissimilaridades da língua x mercado de trabalho.

## Tecendo a teoria

Do ponto de vista teórico da Análise de Discurso, mobilizamos conceitos de discurso,

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT/Cáceres-MT. [analuizart@unemat.br](mailto:analuizart@unemat.br). Este artigo é produto do Projeto Letras Português/PIBID/CAPES/UNEMAT.

sujeito, condições de produção e ideologia. De outro lado, esta escrita se faz pelo percurso do diálogo teórico, com a Sociologia tomando a noção de sujeito aprendente a partir de Schaller. (2008).

Este modo de pensar o sujeito-leitor aponta para a o espaço institucional, a escola, “célula” constitutiva das relações políticas e ideológicas. Para Althusser (1985), as instituições são geridas pelo Estado e agem sob a forma de distintas realidades, especializadas, a qual o autor denominou de Aparelhos Ideológicos do Estado.

Althusser (idem) a partir de leituras teóricas de Marx, avança, discute e acrescenta que os Aparelhos Ideológicos do Estado “funcionam através da ideologia”. (p. 69). Essa forma se dá, segundo o autor, pela determinação com que distintas instituições moldam, pelo funcionamento ideológico, a sociedade.

Dessa forma, dizer da posição do professor e do sujeito-leitor tem a ver com a posição ideológica que norteia as políticas de ensino e que os constitui enquanto sujeito em suas práticas em sala de aula. Althusser (idem) diz também, diz que um indivíduo possa agir é necessário que ele esteja imerso, revestido da forma-sujeito.

Para Pêcheux (1995) a interpelação ideológica está à base da teoria e impõe a “realidade” e seu “sentido”. Conforme o autor ““a articulação” constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito”. (p. 164). Segundo Orlandi (2006, p. 18), “A forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”. A autora acrescenta que é no exercício da análise do discurso de uma forma-sujeito x que o analista se depara “com o ego-imaginário, como sujeito do discurso”.

Para a Análise de Discurso tratar da linguagem tem em si um percurso, curso, que

é caro a teoria. O discurso, objeto de estudo, é tomado como aquele que pelo funcionamento discursivo produz efeitos de sentido. Nessa dimensão, a materialidade quando interrogada pelo discurso, depreende-se que não é transparente; há uma espessura semântica que é próprio da linguagem em que o histórico e o ideológico são constitutivos.

A sagacidade de M. Pêcheux, filósofo de formação, ao questionar no âmbito da materialidade discursiva o efeito de evidência se dá como formula Pêcheux (1997), por uma ruptura no campo da ideologia. Para o autor, toda ciência é constitutiva de ideologia e que pelo processo da ruptura rompe-se com essa ideologia, mas, que, no movimento, processo de construção de outra ciência, esta também se inscreve em um campo ideológico.

Para Pêcheux (idem) a ideologia é inerente às diferenças de classes, as posições políticas e sociais. A ideologia pontua o autor, é quem mantém as diferenças nas relações sociais é ela quem faz com que se compreenda o que seja isto ou aquilo. No âmbito do discurso, conforme Pêcheux, a materialidade simbólica é constitutiva da ideologia. Dessa forma,

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1995, p.160).

Entendendo que o discurso é produzido por um sujeito que é um ser ideológico, diremos, assim, que a ideologia atravessa, discursivamente, a linguagem e faz com que esta se torne opaca e que pelo próprio efeito da evidência naturaliza-se o sentido.

O sentido, conforme formula Pêcheux (1995), de uma palavra *não existe em si mesmo* (p.160). Ao contrário, o sentido de uma palavra tem a ver com as posições ideológicas, das formações discursivas daqueles que as empregam. É pelo discurso que se tem acesso as formações ideológicas.

Pêcheux (idem) sinaliza que os “indivíduos são “interpelados” em sujeitos falantes (em sujeitos falantes de seu discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (p.161). Para Orlandi (2006) “A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história”. (p. 19).

Queremos com isto pensar que a posição-sujeito leitor, enquanto uma posição sujeito, produto de uma formação política e ideológica da escola não tem à sua inscrição, como sujeito-leitor, somente a partir de uma área disciplinar x. Há um conjunto de ideias, discursos, disciplinas, materialidade linguística que faz parte do mundo do sujeito. O sujeito é interpelado a construir sentidos. Há na posição de sujeito-leitor algo que ressoa que faz emergir o conhecimento constitutivo do “feixe de relações que constitui um sistema de formação conceitual” (FOUCAULT, 2000, p.66). Trata-se do Estado, dos mecanismos com que se instauram as políticas de ensino, às práticas políticas e pedagógicas, no processo de formação do sujeito. Estas se categorizam como vínculo ao trabalho com a leitura em uma disciplina x. Esta se torna, do nosso ponto de vista, algo instigador, no sentido de refletir dentro do processo de ensino e aprendizagem, o sujeito como sendo constitutivo do entrelaçamento de diferentes áreas do conhecimento.

A projeção imaginária de uma disciplina capaz de produzir linguagem e leitura particulariza

uma área do conhecimento sistematizado. É essa dicotomia de se compartimentar a formação do sujeito-leitor a uma área disciplinar, distinta que suscita esta reflexão com os bolsistas do PIBID, futuros profissionais, da área da Língua Portuguesa.

## Das análises

Em trabalhos efetivados, com os alunos em processo de formação à profissão de professor da área da Língua Portuguesa muito tem instigado pensar sobre o discurso que se veicula sobre a leitura e o responsável pelo fracasso escolar. Nos diálogos estabelecidos com o grupo de estudantes, bolsistas, e demais professores a maioria sente-se incomodados pelo diagnóstico ao perceber que o fracasso na área da leitura recai, sobretudo, ao profissional da área da Língua Portuguesa. Essa percepção imbrica pensar à relação do sujeito leitor com outras disciplinas com as quais transita e dialoga em sua formação escolar.

No convívio da sala de aula, o sujeito aluno manuseia textos de diferentes linguagens, áreas do conhecimento, em um período de 11 a 12 anos, de escolarização, o que evoca considerar todas as áreas no cerne da questão de formação do sujeito leitor. Agregando à instituição escolar a instituição familiar.

É oportuno observar no texto midiático (recorte 01 e 02) a forma de inscrição do sujeito na língua, de se projetar profissionalmente sobre a questão do ensino. Há um ponto de vista comum que concerne à leitura, a área da linguagem, a Língua Portuguesa em específico. Conforme Orlandi (1996, p.16), no discurso pedagógico, as formações imaginárias se constituem no discurso em: a imagem que (A) professor tem de (B) o aluno, (R) o referente e (X) Escola, o Aparelho Ideológico de Estado, e vice versa.

No jogo das formações imaginárias, na ambiência escolar, movimenta sentidos sobre a posição sujeito professor, o aluno, a escola, o ensino. Cria-se um círculo discursivo, um análogo a guirlanda em que o circuito movimenta questões, tensões, que atravessam a forma como o ensino se constitui. Neste caso, em específico, as formações imaginárias se movimentam sobre aquele, que seria supostamente o responsável. Vejamos – Recorte (01):

(01) - O processo de seleção para disputar uma vaga de vendedor em uma loja de celular inclui uma prova de português. A prova tem questões de múltipla escolha e questões abertas sobre concordância, regência e ortografia. “Dá uma visão de qual a base que o candidato teve no ensino da língua portuguesa. Se não teve uma base sólida o suficiente para que se expresse bem, ele não vai desenvolver bem o seu trabalho” /.../. As empresas estão mais exigentes. O coordenador do Núcleo Brasileiro de Estágios /.../ conta que no passado, teste de português era exigido apenas para candidatos a vagas de trabalho direto com o público, como atendente /.../. Hoje, as coisas mudaram: “Engenharia, tecnologia da informação, atualmente todos os cursos exigem um bom português”. <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/03/dominio-de-portugues-e-ingles-e-essencial-no-mercado-de-trabalho.html>. Acessado em 15/11/2015.

O recorte (01) traz à tona a projeção imaginária do sujeito ideal em relação ao domínio da língua enquanto estrutura “concordância, regência e ortografia”, e ainda acrescenta-se que “Se não teve uma base sólida o suficiente para que se expresse bem, ele não vai desenvolver bem o seu trabalho”. A formulação remete a

parte específica da língua, de um ponto de vista gramatical, estruturante, como a norma do bem dizer. A língua como expressão do pensamento toma corporeidade no movimento do discurso.

Observa-se que a língua toma uma significação substancial em processo de entrevista, de seleção no campo mercadológico. Essa necessidade de se dizer da língua polariza as questões do ensino a área da Língua Portuguesa. /... / “conta que no passado, teste de português era exigido apenas para candidatos a vagas de trabalho direto com o público, como atendente /.../. Hoje, as coisas mudaram: “Engenharia, tecnologia da informação, atualmente todos os cursos exigem um bom português”.

O recorte permite observar a mobilidade de sentidos que perfila o mercado de trabalho. No confronto do discurso toca a questão da produção do conhecimento cristalizando o perfil mercadológico profissional, do passado, em específico – ao atendente – a linguagem fluída. Na atualidade, esse posicionamento tornou-se obrigatoriedade a todas as áreas mercadológicas, a exemplo a engenharia.

À medida que o mercado de trabalho torna-se como necessário o “bom português”, tem-se um movimento político na língua que remete as áreas de produção do conhecimento. Entendemos que o ensino, a escolarização, congrega diversas áreas em que a leitura é quem media o processo de construção do conhecimento. Isso permite dizer que o discurso, oral e ou escrito de um candidato x ou y diz de sua formação escolar o que desloca do imaginário de uma disciplina em específico, como a única responsável pela produção, fluidez da linguagem.

Remetemos ao que Pêcheux (1995) elaborou sobre o sujeito ideológico. O autor pontua que o sujeito é constituído sob a evidência da linguagem e acrescenta que a ideologia mascara a “transparência da linguagem”. (p.160). Essa

posição teórica de dizer do caráter da ideologia de ofuscar a densidade semântica da linguagem, nos faz pensar na profundidade da formulação do recorte (01).

Assim, tem-se todo um arcabouço de disciplinas em que o conhecimento, a linguagem, é quem media as relações. Ou seja, o recorte (01) traz questões importantes que faz pensar, sobretudo, no processo de produção do conhecimento. Evoca uma incisão sobre o trabalho com a linguagem, a falta, falha na linguagem vocabular frente ao mercado de trabalho.

Há algo que não se diz, mas que perpassa a discursividade e que faz pensar as condições de produção (do conhecimento), as distintas áreas que compõem a formação do sujeito.

O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social. Nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpretação pela ideologia. O sujeito que produz linguagem acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes. A isso chamamos “ilusão discursiva do sujeito”. (Pêcheux e Fuchs, 1975 in Orlandi, 1999, p.19).

Nessa linhagem, a questão da linguagem, no mercado de trabalho, em que se exige “o bom português” remete a multiplicidade de apropriação dessa linguagem. Ou seja, a linguagem está em movimento e há lugares institucionais que a exercitam, de forma sistemática, como a escola. Assim, há outras peças importantes que compõem na/para a escola modos de acesso ao conhecimento tais como: acervos de biblioteca, tecnologia digital entre outros suportes, arquivos.

Dessa forma, no movimento do discurso, das formações discursivas (recorte 01) há um *pré construído* em relação a área da Língua Portuguesa e a posição sujeito-leitor. O termo *pré construído* retomado por Pêcheux (1995), a partir de P. Henry, o faz para “designar o que remete a

uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é *construído* pelo enunciado”. (p.99). De modo que ao fio do discurso a questão da falha, a falta em relação à formação do sujeito leitor emerge e não se questionam as políticas de ensino, os instrumentos linguísticos, as condições de produção.

Conforme Orlandi (2006) as condições de produção trata, pois do sujeito e a situação que pode estar atrelada “em seu sentido estrito e em sentido lato”. A primeira, o sentido estrito, tem a ver com a enunciação; o contexto imediato. Já o sentido lato “o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo”. (p.15). A autora enfatiza que não se separa um contexto do outro já que em uma distinta situação prática os dois contextos referidos não são dissociáveis.

Pode-se depreender que ideologicamente, a posição-sujeito (o aluno-leitor), é produto de uma condição de produção teórica e metodológica instituída pelo Estado. O discurso institucional do Estado funciona pelas diferenças, contradições, posições ideológicas que o analista tem acesso pelo simbólico. Estamos, assim, tentando formular que a posição-sujeito leitor, produto do discurso do Estado, tem o atravessamento de distintos discursos, na produção do conhecimento.

Assim, metaforicamente dizendo, tal como a palavra que recebe de diferentes formações discursivas o seu sentido, a posição-sujeito o aluno tem arraigado na sua constituição de sujeito-leitor, algo proveniente do institucional, das diferentes filiações teóricas, ideológicas, que constitui o sistema educacional e que o constitui enquanto sujeito. Este é atravessado ideologicamente de diferentes linguagens, produto das interpelações que constitui o conhecimento no mercado global. Isto desloca o efeito do *pré-construído* de que o responsável pela falha do sujeito-leitor seja uma área x. Ideologicamente, a posição-sujeito professor de diferentes áreas tem a sua

contribuição na formação do sujeito-leitor.

É importante justificar e trazer, nesta reflexão, o que formula Orlandi sobre leitura e interpretação.

Parece-me importante esclarecer aqui que leitura e interpretação não se recobrem. A noção de interpretação é mais ampla, sendo a leitura função da interpretação com suas características particulares. Os gestos de interpretação são constitutivos tanto da leitura quanto da produção do sujeito falante. Isto porque, quando fala, o sujeito também interpreta. Para dizer, ele tem de inscrever-se no interdiscurso, tem de se filiar a um saber discursivo (uma memória). (ORLANDI, 1996, p. 88).

Conforme Orlandi (idem), o sujeito é fadado a interpretar a dar sentido a x, ou y diante de um objeto simbólico. Para a autora “há injunção à interpretação”. (p.89). De forma que a relação com a interpretação tem a ver com o processo sócio-histórico e político as marcas distintas das formas de relação com a interpretação. Ainda em Orlandi (op.cit.), a palavra interpretação e interpretar tem na sua historicidade a marca do meio século XII. As palavras sofrem ao longo do tempo mudanças distintas em relação a sua significação. A interpretação a princípio está restrita a religião, a forma como concebem a palavra, a Deus, em relação à verdade. Na Modernidade, o sujeito se coloca em sua relação à língua a clareza. (ORLANDI, 1996, p.91). Assim,

As formas-sujeito históricas são diferentes porque a relação com a interpretação é diferente. É nesse sentido que podemos dizer que o assujeitamento, para o sujeito medieval, se dá pela *determinação enquanto o assujeitamento para o sujeito moderno se dá pela interpelação*. Isto porque a forma de assujeitamento é histórica e se dá diferentemente na Idade Média e na Modernidade. (ORLANDI, 1996, P.89).

O excerto faz pensar que em distintas épocas têm-se modos distintos de assujeitamento.

Há algo que reverbera sentidos no

processo de formação da posição-sujeito leitor que, a nosso ver, independe da área, da disciplina, já que a leitura é recorrente as áreas é tem a sua função a interpretação. A questão que suscita nos faz pensar que há modos distintos de se compreender a materialidade simbólica pela inscrição teórica. Porém, isto não significa que a leitura, a interpretação seja um produto exclusivo de uma área x. Ao contrário, a noção de como ler e compreender torna-se assim, uma necessidade de discussão em todas as áreas de formação do sujeito. Ou seja, a linguagem verbal, escrita e ou o não verbal atravessa todas as áreas. Todos somos leitores ou aspiramos pela compreensão do que se lê. De modo que se desestabiliza a evidência, a visão estável de algumas áreas sobre a questão da leitura e a falta, falha recair a área disciplinar da Língua Portuguesa.

A cultura da designação da culpa a uma posição x nos remete ao que formula Schaller (2008), na posição de sociólogo, no que diz sobre o “lugar aprendente”. Para o autor o agir social remete ao sujeito, o espaço e a interlocução comum o outro. Pontua também que “os lugares são, portanto, tomados nas redes de interesses e de experiências que neles manifestam os sujeitos”. (p. 69). E questiona: “como um lugar pode ser um espaço onde a gente se constitui, um “lugar aprendente?””.

A pergunta formulada por Schaller (idem) nos permite remeter a escola, que geometricamente tem o espaço instituído como parte da “cena” em que a posição-sujeito professor desenvolve o processo de ensino, à posição sujeito leitor o aprendente. A escola, podemos dizer, funciona, assim, em “redes de conhecimentos (saberes e experiências) que se ligam num dado território” (SCHALLER, idem. p.69); campo discursivo, político e ideológico. O lugar em que diferentes posições-sujeito atravessam e são constitutivamente aprendente

“porque permite deixar marcas do conjunto das relações das ligações, das associações entre outros.” (idem. p.69).

A posição sociológica, apontada por Schaller (idem) ao tratar do espaço, do lugar aprendente, nos permite deslocar do espaço global para o espaço da escola. Nesta há distintas áreas disciplinares em que todos perpassam para/ pela linguagem e conseqüentemente pela leitura. De forma que a questão da leitura, do sujeito-leitor, a uma área determinante não se fecha. Há diferentes linguagens, informações que constitui a posição-sujeito aluno leitor. O espaço do poder local, a escola, remete a projeção imaginária do sujeito-aprendente. Assim,

Estamos em face da questão do “lugar aprendente” como cena aberta, em que a expressão de uma inteligência coletiva, diante das transformações do mundo, permite ganhar experiência para produzir um evento do imaginário: a criação de um mundo comum. (SCHALLER, 2008, p.68).

A ilusão de que a questão da leitura, do sujeito-leitor esteja a uma posição-sujeito professor x, distancia-se dos questionamentos do campo do saber. Apagam-se as perguntas, questões que historicizam e faz funcionar a exterioridade na materialidade simbólica dos discursos que tematizam sobre a posição-sujeito professor. O que fica em relevo na mídia, por vezes, tange a falta de compreensão do sujeito-leitor diante de se significar pela língua oral e ou escrita ao mercado de trabalho. Esse gesto, de dizer sobre o distanciamento da materialidade simbólica não é aleatório é proveniente desse efeito, literal, produzido pela evidência. Dessa forma,

Se o homem, escreve Pêcheux, é considerado como um animal que se comunica com seus semelhantes, não entenderemos jamais por que é precisamente sob a forma geral do

discurso que estão amarradas as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes do sistema de produção. (PECHÉUX, 1997, p.25).

No recorte, a partir de Pêcheux (1997), é possível depreender pelo trabalho, com o discurso, o de provocar e propor a ruptura no campo ideológico das ciências sociais. Pelo discurso, o autor coloca em questão as dissimetrias e as dissimilaridades que se tornam as amarras para o sujeito no nível da compreensão. Observa-se que o homem esse ser que produz linguagem, que se comunica com seus semelhantes, porém é capturado pelo próprio discurso, pela linguagem em seu funcionamento. Vejamos o recorte (02) que diz:

(02) - Em determinados círculos profissionais e níveis hierárquicos, a incompetência na articulação falada e escrita tem seu preço: ela pode limitar o crescimento na carreira, restringir promoções, diminuir a autoestima e aumentar a sensação de exclusão de um profissional. A pobreza no vocabulário repele oportunidades: apesar das mídias digitais e inovações tecnológicas, ainda dependemos da coerência das palavras para fecharmos negócios e parcerias.

<http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colonistas/marcos-gross/a-falta-de-leitura-tem-seu-preco>. Acessado em 16/11/2015

No recorte (02) disponível *online*, coloca em questão a posição-sujeito, o trabalhador, no mercado de trabalho. No dizer, sobressai a Língua Portuguesa. O entrevistado não diz sobre a falta da leitura, mas há marcas pistas, na materialidade simbólica, ao dizer que “Em determinados círculos profissionais e níveis hierárquicos, a incompetência na articulação falada e escrita tem seu preço: ela pode limitar o crescimento na carreira, restringir promoções, diminuir a

autoestima e aumentar a sensação de exclusão de um profissional”.

Em uma sociedade da escrita, escrever produz a ruptura no ato em que se acessa a letra e a compreende constituída de sentidos. Essa ordem simbólica movimenta a Escola, a cidade, o mundo. Mesmo estando o sujeito distante da palavra escrita sofre as injunções do capitalismo, dentre elas, a do desprestígio no mercado de trabalho. (MOTTA & RENZO, 2014, p.85).

Há distintas formações discursivas que constituem no movimento da linguagem, as formações imaginárias da posição-sujeito x mercado de trabalho. A língua torna-se a lamina em relação ao mercado de trabalho. Aquele que não domina a fluência da língua está ceifado pela “pobreza no vocabulário”; a ausência de fluidez “repele oportunidades”. O recorte (02) vislumbra o que formulou Pêcheux (1995), ao dizer que é no discurso que estão amarradas as dissimetrias e as dissimilaridades. Segundo Motta & Renzo (2014) “Na medida em que o sujeito ocupa uma posição sujeito na sociedade, lhe é cobrado o conhecimento sistematizado”. (p.85).

Dessa forma, o fato da mídia noticiar que o cidadão à proposta na área da engenharia, de atendente e em outras áreas profissionais ter dificuldades em formular uma proposição oral e ou escrita coloca em questão algo denso em âmbito da escola; das universidades, das disciplinas, dos cursos de formação do sujeito-leitor que extrapola os âmbitos de inscrição apenas do professor de uma área x.

Nessa direção, ao se voltar a reflexão da leitura para o processo de formação do sujeito leitor abre-se para uma reflexão densa, aberta e crítica que desloca de uma área x. Nos recortes (01) e (02) coloca-se em questão a linguagem, o nível de formação do sujeito-leitor. Esse processo de ensino e aprendizagem faz emergir o sujeito aprendente tal como formulou Schaller (idem).

Nessa direção, o próprio termo aprendente nos dá a ideia de gradação, de movimento que funciona em conjunto com o espaço em que se situa as disciplinas que o interpelam a posição de se dar como aprendente e se faz significar.

Deve-se registrar que a linguagem como parte integrante do sujeito é também quem media as relações de forma horizontal e ou vertical em sociedade. Essa posição depreende-se da posição-sujeito que constitui o conjunto das relações. Como bem enfatiza Orlandi (1999), que a leitura é a matéria prima. Ao que acrescentaríamos sem distinção de disciplina, já que todas mediatizam pela linguagem a produção do conhecimento.

## Concluindo

O homem dada a sua relação com o outro, desde sempre, já observava que a linguagem tem um *locus* de distinguir o sujeito em sociedade. E isto a torna instigante, desejável, pelo modo como produz as dissimetrias e as dissimilaridades.

Dessa forma, o que esta reflexão faz suscitar é essa capacidade que reside na linguagem como sendo capaz de poder e de segregação. É pela linguagem que o sujeito constrói a sua posição, marca a sua historicidade. Em uma palavra, movimenta sentidos.

Assim, esta reflexão permite suscitar antes a gama de sentidos que a língua/linguagem movimenta no mercado de trabalho e que tem a ver com a posição do sujeito leitor. A textura da linguagem, da leitura está para x e y, embora evocada por vezes para uma área x, a Língua Portuguesa. Esta concebida como a responsável pelas falhas e faltas; faz alargar as reflexões. Diríamos, então, que a questão do processo ensino e aprendizagem perpassam às disciplinas, indistintamente, que constituem o curriculum tanto o da escola quanto da universidade.

Em síntese, a leitura está imersa à instituição, no fazer didático e pedagógico, em distintas condições de produção que conduzem o percurso da produção do conhecimento sistematizado. Esse direcionamento provê às instituições de formas ritualizadas (FOUCAULT, 2011) que sinalizam pelos dispositivos do Estado modos distintos que direcionam o trabalho com distintas disciplinas.

Há uma regularidade direcionada aos modos dos trabalhos na instituição de ensino em que a leitura é permeável a todas as áreas pela linguagem. Todavia, sobressai uma marca do déficit com a aprendizagem no campo da oralidade e ou da escrita a uma área restrita. Esse movimento gotejante faz dizer que há uma mobilidade da linguagem a todos os campos do saber. A questão, a nosso ver, remete ao modo como incitamos o sujeito leitor a compreender o que se lê. Como se lê? Seria de forma colado ao conteudismo? Ou caberia uma leitura com questionamentos em que se desconfie do sentido literal?

Esta reflexão faz emergir que o trabalho com a leitura e os efeitos do trabalho desta abre-se para questionamentos, para se pensar o que se depreende como leitura, políticas de ensino e áreas disciplinares. Assim, o simbólico, a leitura, a interpretação como tal é parte integrante do sujeito; uma vez que é a linguagem que mediatiza a relação do sujeito com o outro, com o social.

Em suma, a formação do sujeito de direitos e deveres à leitura crítica se endereça a todas as áreas, cada qual com suas particularidades, que compõem o campo das formações disciplinares e que, ideologicamente, constitui a forma-sujeito de direitos e deveres.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AUROUX, Sylvain. **A Revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1992.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura França de Almeida Sampaio. São Paulo. 21 ed., Loyola, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. – 6.ed. – Rio de Janeiro, Forense Universitário, 2000.
- HENRY, Paul. Apêndice: Sentido, Sujeito, Origem. In **Discurso Fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, São Paulo: 1993.
- \_\_\_\_\_. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do discurso de Michel Pêcheux (1969) In: F. Gadet & T. HaK (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Eni Orlandi [et al. ] 2.ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1997.
- MOTTA, Ana Luiza Artiaga R. & RENZO, Ana Maria. Escrita, sujeito leitor e escola: relações de poder. In **Revista Anpoll**, nº37, Florianópolis, Jul/Dez.2014.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação**: autoria leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_\_(org.) A leitura proposta e os leitores possíveis. In: **A leitura e os leitores**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, 1999.
- \_\_\_\_\_. Do Sujeito na História e no Simbólico. In **Contextos Epistemológicos da Análise de**

**Discurso. Escritos** n.º 4 – LABEURB, Campinas, São Paulo. 1999.

\_\_\_\_\_. Conhecimento de linguagem e filosofias espontâneas. In **Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Sagra Luzzatto, 1999.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso. In **Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade**. Eni P. Orlandi e Suzy Lagazzi-Rodrigues (Orgs.). Campinas, SP: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Discurso e ideologia in: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni P.Orlandi. 2. ed. Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Ler o Arquivo Hoje. In: **Gestos de leitura: da História no Discurso**. Campinas, São Paulo. UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In. **Papel da Memória**. Campinas, São Paulo. Pontes, 1999.

SCHALLER, Jean-Jacques. **Construir um viver junto na democracia renovada**. Université, Paris- 13. Revista – Educação e pesquisa, SP, V.28, n2, p.147-167, jul./dez.2002.

\_\_\_\_\_. Lugares aprendentes e inteligência coletiva: rumo à constituição de um mundo comum. In. **PASSEGI, Maria Conceição, SOUZA, Elizeu Clementino (Org.) (Auto) biografia: formação, territórios e saberes**. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

\_\_\_\_\_. Les politiques de promotion de la santé et la question des lieux apprenants. Revista de **Direito sanitário**, SP. V.09, n3, p.36 – 74. Nov.2008/ Fev.2009

#### DOCUMENTOS CONSULTADOS

Domínio de português e inglês é essencial no mercado de trabalho. **Jornal Hoje**. Rio de Janeiro, 10 m ar. 2014. Disponível < <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/03/dominio-de-portugues-e-ingles-e-essencial-no-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em 15/11/2015.

GROSS, Marcos. A falta de leitura tem seu preço. **Carreira & Sucesso**. Barueri-São Paulo, 25 jul. 2012. Disponível em <<http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/marcos-gross/a-falta-de-leitura-tem-seu-preco>>. Acesso em 16/11/2015.

\_\_\_\_\_. A falta de leitura tem seu preço. **Carreira & Sucesso**. Barueri-São Paulo, 25 jul. 2012. Disponível em <<http://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/marcos-gross/a-falta-de-leitura-tem-seu-preco>>. Acesso em 16/11/2015.